



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA-CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel

Redacção e Administração

Proprietário e Director — H. Marques

CAIXA DO SODRÉ, 83

Tip. R. Poço dos Negros, 81

LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

A acção internacionalista

Em Dezembro de 1914, quando no parlamento alemão se discutiram os segundos créditos de guerra, Karl Liebknecht teve a nobre coragem de dizer, no meio duma atmosfera de mentira, de terror e de cobardia, estas verdades formidáveis:

«Esta guerra não estava na vontade do povo alemão, nem da de nenhum outro povo. É uma guerra imperialista, uma guerra para a conquista do mercado mundial, para o domínio sobre importantes territórios e sua exploração capitalista. É uma guerra provocada pelos partidos da guerra da Alemanha e da Austria, no mistério duma diplomacia secreta. É ao mesmo tempo uma guerra para desfibrar o movimento crescente da classe operária. O lema alemão «contra o tsarismo» foi proclamado apenas para explorar as mais nobres inclinações e as tradições revolucionárias do nosso povo. A Alemanha, cúmplice do tsarismo e modelo da reacção política, não pode assumir o papel de libertadora de povos. A libertação do povo alemão tem que ser obra sua, assim como é ao povo russo que cabe a sua própria emancipação. Esta guerra não é para a Alemanha uma guerra de defesa... Novamente protesto contra a guerra, contra os que dela são culpados, contra as empresas capitalistas para as quais ela foi declarada, contra os projectos de anexação, contra a violação da neutralidade da Bélgica e do Luxemburgo, contra a extensão ilimitada da lei marcial, contra o desfalecimento do dever social e político de que são réus o governo e as classes dirigentes...»

La libre Fédération só agora trans-

creve estas fortes e justas palavras para provar que é uma «incrível audácia» da parte dos internacionalistas o reivindicarem como seu a Liebknecht.

Basta reler, nos números da *Sementeira*, de Julho e Agosto de 1917, as duas cartas de Liebknecht aos seus juizes militares para ver, de modo iniludível, que o erro ou a incompreensão está da parte do jornal «intervencionista».

Sim, o grande socialista afirma resolutamente — com bem mais coragem do que aqueles que o clamam de longe em côro e união com os seus próprios governos — que «juntamente com o governo austriaco, o governo alemão provocou a actual guerra e deve portanto assumir o maior quinhão de responsabilidade no desencadear immediato desse conflito».

Mas ao mesmo tempo explica qual deve ser o método de acção do internacionalismo, para que conserve o seu carácter e influência, para que se não contradiga e neutralize. Para ele, o dever do proletariado é manter «em todos os países uma opposição intensa à guerra e a luta de classe contra todos os governos capitalistas e classes dominantes». Tal é o principio fixado no Congresso socialista de Stuttgart (1907).

«Em suma — conclui Liebknecht, fechando a primeira carta: — este principio é internacionalista. Ele implica o que eu e outros empreendemos contra o governo e a classe dominante da Alemanha, implica para os socialistas das nações em conflito o dever de fazerem o mesmo contra os seus governos e as suas classes dominantes».

Atacando os dirigentes do seu país, a Alemanha, fazendo ressaltar as responsabilidades especiais dessa oligarquia, tirando delas o maior partido

O JOÃO DO MAR

(História dum enjeitado)

possível, o valente socialista cumpre o seu dever internacionalista. Nem há outro modo de o conceber. Quem não quer dar força ao nacionalismo, patriotismo ou estatismo — como queiram chamar-lhe, — quem quer fazer verdadeiro internacionalismo, tem que começar por combater as forças do próprio Estado onde é dominado e explorado. «Só por este processo da luta de classe nacional contra a guerra é que se torna um facto a luta internacional contra a mesma».

E como na Alemanha corre como opinião oficial, alimentada pelos officialissimos sociais-democratas do Kaiser, que à Inglaterra cabe a maior culpa da guerra, Liebknecht protesta com indignação:

«Se os socialistas alemães tivessem que lutar contra o governo inglês, a sua luta seria uma farsa ou pior.

«O socialista que não afronta o inimigo, o imperialismo, atacando os representantes do mesmo que lhe estão mais próximos, face a face, mas procura pelo contrário afrontar os que se acham longe, não é um socialista: é um miserável laçao da classe dominante. Certamente, só o socialista internacionalista, que sustenta a luta de classe contra o seu próprio governo, só esse tem o direito de atacar também os governos estrangeiros.

A doutrina fica assim nitidamente estabelecida; mas já estava indicada por uma fórmula expressiva na própria passagem que *La libre Fédération* transcreve:

«A libertação do povo alemão tem que ser obra sua, assim como é ao povo russo que cabe a sua própria emancipação».

O redactor daquele jornal não a viu, não a compreendeu. Ainda não viu, ainda não compreendeu um dos pontos fundamentais das ideas que pretende combater. O que nos dá direito a supor que só por isso é que as combate.

O homem sem princípios é também, ordinariamente, um homem sem carácter; porque, se tivesse nascido com carácter, teria sentido a necessidade de crear princípios.

CHAMFORT.

No dia de S. João, alguns cultivadores da costa, que andavam a apañar algas nos rochedos, durante a maré baixa, tinham-no encontrado deitado, adormecido, num grande giestal. Estava ele nessa idade inconsciente dos vagidos, precusores da palavra; criaturinha que não pedira a vida e que muito provavelmente uma infeliz, seduzida e abandonada, ali depusera como um fardo esmagador para frágeis ombros, indo em seguida refugiar-se na grande cidade, asilo dos desesperos e das desesperadas tristezas.

Pobres embora de tudo, tinham-no os aldeãos adoptado, movidos de piedade pelo innocente bebé, que se queixava, numa presciência de coisa animada, antes do verdadeiro sofrimento. As fogueiras de S. João, à noitinha, iluminavam dunas e outeiros e lançavam sôbre a água branca e verde das vagas o seu encarnado de sangue. Era dia de festa e de folguedos; os mercenários esqueciam-se por um instante da labuta, e dançavam, e emborcavam grandes tarraçadas de aguardente, à saúde dos amos a quem acabavam de alugar o corpo por um longo ane, mediante uma paga mesquinha.

O exposto era um rapaz; poseram-lhe o nome de João, da festa do dia, e o letrado da aldeia, mestre escutado, achou-lhe um apelido de familia: para todos ficou sendo o João do Mar. O rapaz cresceu, fazendo suar o corpo para ganhar o seu bocado de pão duro e o seu naco de toucinho rançoso; viu outras festas de S. João e vendeu por sua vez a um amo os seus braços e a sua coragêm. Foi à vez trabalhador do campo, salineiro e poscador.

Era um solitário, um reflexivo, que o pensamento veio animar, apesar dos seus verdes anos e da sua instrução de sem-eira-nem-beira. Tinha então dezóito anos.

Muitas vezes, pelas noites cálidas, gastos os seus dias no trabalho que impede de morrer, ia ter, durante os seus passeios nocturnos, ao gistal doi-